

DEPOIMENTO

A VIDA É UM GIBI ABERTO

Nobu Chinen*

Este texto é um relato a minha trajetória como pesquisador de histórias em quadrinhos e as atividades realizadas no estudo, promoção e divulgação desta linguagem. O texto, de caráter pessoal, narra desde o início de meu interesse pelos quadrinhos, na infância, as leituras que influenciaram nessa fase e os autores que despertaram em mim a vontade e a intenção de compreender mais a fundo, o fascinante universo das histórias em quadrinhos.

Primeiras leituras

Já é lugar-comum alguém responder que seu contato com os quadrinhos se iniciou antes mesmo de saber ler. Vou reforçar esse clichê, pois, de fato, eu ainda não era alfabetizado quando ganhei meus primeiros gibis. Dos que consigo me lembrar, os que me chamavam mais atenção eram umas revistas em formato grande de uma coleção da editora Abril que trazia adaptações em quadrinhos dos clássicos do cinema da Disney. A guerra dos dálmatas, Cinderela, A espada era a lei eram alguns dos títulos que não se restringiam a adaptações de desenhos animados, mas de produções com atores como A ilha do tesouro. Minha mãe lia para mim e eu acompanhava os desenhos maravilhado com aquelas imagens. São as memórias mais remotas que guardo em relação aos quadrinhos. Sou de uma geração que se formou lendo muito gibi da Disney. Pato Donald, Tio Patinhas, Mickey eram os personagens de que eu mais gostava, mas aos poucos fui descobrindo revistas de outras editoras como Tininha, Bolota, Brotoeja e Riquinho, todas da Rio Gráfica. Mais tarde, quando entrei na adolescência, passei a ler Mandrake, Fantasma e outros heróis de aventuras.

Em meados dos anos 1970, uma confluência de fatores fez com que os quadrinhos passassem a ser meu passatempo predileto. Por algum motivo, uma onda nostálgica trouxe de volta às bancas heróis clássicos como Dick Tracy, Jim das Selvas e, o melhor de todos, Spirit. Descobri esses e outros personagens no Gibi Semanal, da Rio Gráfica. A editora Ebal lançava enormes álbuns de luxo de Flash Gordon e do Príncipe Valente, cujos anúncios eu via nas revistas, mas que na época, eram totalmente inacessíveis por causa do preço, muito elevado para mim. Ao mesmo tempo, quadrinhos mais modernos também eram publicados. A editora Artenova lançara os pockets dos Peanuts, além de revista de Mago de Id, de Brant Parker; A.C., de Johnny Hart; Manhê, de Mel Lazarus; Kid Farofa, de Tom K. Ryan, e outras séries, mas a grande atração era a revista Patota, que trazia todos esses personagens e muitos mais. Naquela época, no centro da cidade de São Paulo, havia várias bancas com pilhas e pilhas de gibis encalhados das editoras Saber, Paladino, Edrel e Superplá. Tinha desde Praça Atrapalhado a Flash Gordon e Príncipe Valente. Os títulos ofereciam uma variedade muito grande de personagens e o preço era tão baixo que a cada ida a essas bancas, o que acontecia uma vez a cada quinze dias, eu comprava quatro a cinco revistas. Numa dessas idas, vi o livro Técnica universal das HQs, de Fernando Ikoma, que me pareceu muito interessante e comprei. Nem

* Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Pesquisador de histórias em quadrinhos. Membro do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP e da comissão organizadora do Troféu HQMIX. Instrutor de Oficinas de Quadrinhos para a Coordenadoria de Programação das Bibliotecas Municipais de São Paulo e de cursos de formação para docentes das DRE Penha e São Mateus, da Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Autor e coautor de livros sobre quadrinhos, de design e de comunicação. Coorganizador das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; e das Jornadas Temáticas de Histórias em Quadrinhos, na Unifesp, campus Guarulhos.

podia imaginar que, a partir da leitura desse livro, meu interesse pelos quadrinhos se ampliaria mais ainda e se estenderia para além das próprias histórias para abranger informações sobre seus autores, sua linguagem e seus bastidores.

Aos 14 anos consegui meu primeiro emprego que foi como office-boy. A empresa em que trabalhava ficava no bairro da Liberdade, região central de São Paulo, e todas as tardes, eu caminhava a pé até o Parque D. Pedro II para pegar o ônibus para casa que ficava na Vila Matilde, zona leste. No caminho, passava em uma banca e comprava dois jornais: o Jornal da Tarde e a Folha da Tarde, só por causa das páginas dos quadrinhos que, no caso desse último, eram duas. Eu nem sequer lia as outras seções. Depois, eu recortava cada tira e colocava numa caixa separando-as por série com uma ficha pautada com o título e de seu respectivo autor.

Naquele tempo, não havia muitos livros sobre quadrinhos, mas de vez em quando saíam matérias nos jornais que tratavam do assunto, assinadas por Alvaro de Moya e Orlando Fassoni, que eu recortava e guardava. Esse hábito me propiciou formar uma coleção de matérias que foram uma importante fonte de informações. Algumas revistas de quadrinhos, como a citada Patota também publicavam textos sobre autores, mas foi o número 9 da Eureka, da Vecchi, a mesma editora da MAD que eu colecionava, que teve um efeito transformador. Além de uma minibiografia do cartunista americano Milton Caniff, a revista trazia resenhas de livros sobre quadrinhos. E eu comecei a procurar por esse tipo de publicação. Meu salário não era grande coisa, mas me permitia comprar um ou outro livro, de vez em quando.

Os primeiros que li foram o Shazam, de Alvaro Moya, e Apocalípticos e Integrados, de Umberto Eco. Depois, A explosão criativa dos quadrinhos, de Moacyr Cirne, e Histórias em quadrinhos, de Zilda Augusto Anselmo. A seguir, Os quadrinhos, de Antonio Luís Cagnin. Não me recordo se foi essa a ordem exata, mas me lembro de tê-los lido quando eu tinha entre 15 e 16 anos. Várias coisas eu nem entendia direito, mas muitos desses conteúdos me influenciaram para sempre.

No ensino médio, cursei Técnico em Mecânica, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Matava aulas para ir até a Biblioteca Mario de Andrade, para ficar lendo livros sobre quadrinhos. Foi assim que li inteirinho o famoso livro Quadrinhos & Comunicação de Massa, editado pelo Museu de Arte de São Paulo - MASP, na verdade, uma tradução de uma obra francesa, de vários autores. Era um livro esgotado que só vim a adquirir anos depois, em um sebo, depois de anos de procura, lembrando que não existiam ainda a internet e muito menos os sebos virtuais.

Meu interesse por esse tipo de leitura só aumentaria, mas jamais imaginei que fosse se tornar algo tão determinante na minha carreira.

Quadrinhos para além dos gibis

Continuei lendo quadrinhos e comprava muitos gibis, mas não tinha uma obsessão em colecioná-los. Se tivesse guardado tudo o que comprei até hoje, certamente, teria um acervo respeitável, mas me desfiz de dezenas e dezenas de revistas pelas quais havia perdido o interesse. Dos gibis da Disney, do Fantasma, Mandrake e da Turma da Mônica, que também passara a ler, não fiquei com praticamente nenhum. Nem os atualmente valorizados gibis da Saber, dos quais eu tinha uma boa quantidade, fiz questão de manter. No entanto, os Almanques do Gibi Nostalgia, a Kripta e alguns outros títulos de minha juventude eu preservei. A eles se somaram as publicações que fui comprando já depois de adulto: Fradim, Chiclete com Banana, Aventura e Ficção, Animal e coleções como as minisséries da Abril e as primeiras graphic novels que começavam a surgir no Brasil.

Também continuei adquirindo livros teóricos. Descobri a Livraria Muito Prazer, reduto de fãs de quadrinhos na década de 1980, que passei a frequentar com certa regularidade.

Comprei muitos livros lá, alguns importados. Também comecei a pesquisar em livrarias e sebos e fui formando uma pequena biblioteca de obras teóricas.

De forma ainda tímida e esporádica, começavam a surgir eventos sobre quadrinhos e, quando possível, eu costumava assistir. Foi assim que acabei conhecendo um pioneiro grupo de fãs de mangá, liderados pela professora Sonia Luyten, que constituíam a Associação Brasileira de Desenhistas de Mangá e Ilustração (Abrademi), muitos anos antes do mangá se tornar um fenômeno global.

Em 1984, eu me casei com Toyomi e nos mudamos para a cidade de São José dos Campos onde permanecemos até janeiro de 1993. Tivemos a Joyce já em 1985 e o Willy nasceu em 1989. Eu trabalhava como ilustrador técnico em uma empresa do ramo bélico chamada Engesa. Com as atribuições profissionais e familiares, sobrava menos tempo para me dedicar aos quadrinhos, mesmo assim, a coleção de livros teóricos ia crescendo lentamente.

Um acontecimento marcante foi a inauguração de uma franqueada da Livraria Brasiliense, em São José dos Campos, que passou a ser um local de encontro de uma pequena turma que se reunia para conversar sobre cinema, arte e, naturalmente, quadrinhos, além de eventualmente, comprar algum livro. A loja tinha um espaçoso mezanino onde ele planejava fazer eventos e exposições. Propus trazer para o local o material que tinha sido usado numa exposição realizada tempos atrás pela Abrademi, no MASP, e que contara com a ilustre presença de Osamu Tezuka, o aclamado deus do mangá. Obviamente, a exposição na Brasiliense não contaria com Tezuka, mas conseguimos levar Laerte, Luiz Gê e Glauco para o lançamento de um dos números da revista Circo. Batizamos com o pretensioso nome de I Expo Quadrinhos do Vale, mas como nunca ninguém contestou nosso pioneirismo, fica para a história como sendo, de fato, a primeira.

Uma das minhas funções na Abrademi, era de editor do Clube do Mangá, fanzine oficial da associação. Em certa tarde de férias, procurei o jornal Valeparaibano para propor uma coluna sobre quadrinhos. Fui recebido pelo editor Nelson Homem de Melo que me ouviu e se interessou, apesar de eu não ter diploma de jornalista, aliás, não tinha nenhuma graduação superior. O jornal estava para lançar o caderno cultural Vale Viver e contava com um editor de arte fantástico: Lauro Lucchesi, recém-chegado da Holanda, onde tinha ido estudar design gráfico. Lauro vinha cheio de ideias e muitos jornais estavam se inspirando no exemplo do Caderno 2, lançado pelo Estado de S. Paulo, que representava uma inovação na imprensa cultural. O Valeparaibano também resolvera investir e ressuscitar uma antiga seção chamada Vale Viver e transformar em um caderno de oito páginas. A ideia de incluir uma seção sobre quadrinhos era extremamente adequada, pois começavam a surgir as primeiras graphic novels e quadrinhos eram um tema *cool*. Numa breve conversa com Nelson, Lauro e eu, ficou decidido que eu ficaria responsável por uma seção sobre quadrinhos. Imaginei que me cederiam uma coluna ou um quarto de página, mas, para minha surpresa, o Nelson perguntou se eu daria conta de uma página inteira. Que seria só no início, pois assim que entrassem novos anunciantes, a página dividiria espaço com anúncios. Eu nunca tinha tido experiência além dos artigos que escrevia para o Clube do Mangá, mas, mesmo assim, resolvi aceitar o desafio. Argumentei que como os quadrinhos permitiam encher a página de ilustrações, daria para fazer. Assim nasceu a página Vupt Vapt Pum, que a cada edição esmiuçava um personagem ou autor. A estreia foi com Fantasma, de Lee Falk. Depois vieram Mandrake, Ferdinando, Carl Barks, Crumb e muitos outros. Eu caprichava na pesquisa e nos textos, mas o Lauro não deixava por menos. Elaborava soluções visuais maravilhosas. E o que começou quase por acaso, durou dois anos, de 1987 a 1989. Cerca de oitenta páginas/matérias. Foi a primeira página semanal sobre quadrinhos da imprensa brasileira. Somente quando eu já estava deixando de escrever a minha coluna, todos os principais jornais da cidade de São Paulo passaram a ter uma.

Em 1988, decidi prestar vestibular na Universidade de Taubaté, cidade próxima a São José dos Campos. Escolhi o curso de Publicidade, atividade que, na minha concepção, era mais instigante em termos de criatividade e novas perspectivas profissionais.

Consegui meu primeiro emprego como redator quando estava no quarto ano da faculdade, na KS, uma das maiores agências de propaganda do Vale do Paraíba. Foi meu primeiro registro em carteira nessa função. Em 1995, resolvemos nos mudar para São Paulo. Passei por vários empregos, inclusive como supervisor de comunicação em uma grande empresa de saúde, mas a maioria foi mesmo como redator em agências de publicidade.

O ingresso na área acadêmica

No ano de 2003, comecei a frequentar o, na época, Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos da ECA, apresentado por Rodrigo Arco e Flexa que fazia mestrado tendo como tema as publicações de super-heróis da editora brasileira EBAL. O Núcleo, atualmente renomeado Observatório de Quadrinhos, era coordenado pelo professor Waldomiro Vergueiro que tinha como vice-coordenador o professor Roberto Elísio dos Santos. Eu não imaginava que era possível participar das reuniões sem ser acadêmico e fiquei empolgado com o ambiente que encontrei. A partir de então, retomei o interesse pelos quadrinhos. Não que o tivesse perdido totalmente, mas, estava recolhido durante vários anos. Conheci pessoas que se dedicavam a pesquisar os quadrinhos e eram referência na área. Estudiosos como os próprios Waldomiro Vergueiro, Roberto Elísio dos Santos além de Paulo Ramos, Gazy Andraus e vários outros. Eu já os conhecia de nome e tinha seus livros, mas passei a conviver e participar de projetos comuns.

Um dos motivos que me aproximaram mais dos professores Vergueiro e Santos foi a produção do livro comemorativo dos 100 anos da revista O Tico-Tico que eles dois estavam coordenando. Um dos editores era Franco de Rosa que me convidou para escrever um dos capítulos do livro. A partir dessa experiência, os laços com os colegas do Núcleo estreitaram-se ainda mais. Eu conhecia Franco desde que estudava em Taubaté. Eu o procurara na redação da Folha da Tarde e lhe mostrara as matérias que tinha feito para o Valeparaibano e, desde então, nos tornamos amigos. Eu já havia colaborado com Franco no livro Hentai, a sedução do quadrinho japonês, que ele organizara no começo de 2005.

Em 2006, a convite da professora Tereza Garcia, comecei a lecionar na Faculdade de Comunicação (Faiter) das Faculdades Oswaldo Cruz. A instituição era muito tradicional, tinha mais de 90 anos de existência e seus cursos mais reconhecidos eram os de Farmácia e Química. O departamento de comunicação era bem mais recente e havia sido adquirido de outra instituição. Comecei lecionando a disciplina de Comunicação Empresarial para turmas de Publicidade e Propaganda e de Marketing.

No decorrer dos anos, passei a lecionar em diferentes cursos e disciplinas. Dessa forma, ministrei algumas matérias que não eram exatamente do meu perfil, entre as quais Legislação e Ética para turmas de Publicidade; Humanidades Voltadas ao Desenho Industrial para turmas de Design; e Roteiro para o curso de Rádio e TV.

Em 2008, resolvi me aprimorar como docente e decidi fazer uma pós-graduação. Minha primeira opção era a Escola de Comunicações e Artes da USP. Relutei, a princípio, em adotar como tema as histórias em quadrinhos. Dizia para mim e para os outros “O que o Snoopy vai achar disso?” Tinha receio de que isso me tirasse a alegria de ler os gibis pelo simples prazer de ler. No entanto, eu já possuía um bom acervo de livros teóricos sobre o assunto e achava que seu ia me dedicar por dois a três anos a um assunto, que fosse algo pelo qual eu tivesse grande interesse e afinidade. O primeiro passo foi conversar com o professor Waldomiro Vergueiro para saber se ele aceitaria me orientar, caso eu passasse no processo seletivo. Ele disse que sim,

pois ele via em mim o perfil de pesquisador, adequado para fazer o mestrado. Fiz a inscrição, fui aprovado na seleção e iniciei o mestrado em 2008, mas conciliando as disciplinas de pós-graduação com meu expediente na agência e três noites por semana como docente. O tema que escolhi foi “A representação e a representatividade dos negros nos quadrinhos brasileiros”. Desde o princípio, havia estabelecido para mim mesmo que elegeria um tema ligado aos quadrinhos nacionais, mas a decisão por analisar os personagens negros veio a partir de uma constatação como leitor de que eles eram poucos e quase sempre estereotipados.

Durante o mestrado participei de atividades acadêmicas como o artigo publicado na *Via Atlântica* e o artigo escrito em coautoria com meu orientador na revista *AfroHispanic Review*. Também participei da mesa de abertura da Picha!, exposição sobre Quadrinhos Africanos, realizada no Museu Afro-Brasil, a convite da sua curadora a professora Sonia Luyten. Foi o primeiro evento público em que pude falar um pouco sobre a minha pesquisa.

A qualificação sempre é um momento de certa tensão. Embora tenhamos uma boa noção de como o trabalho está se encaminhando e contemos com o orientador, nunca se sabe o que se passa na cabeça do arguidor. Eu sabia que a pesquisa estava seguindo bem, o tema era relevante e os dados colhidos até então eram adequados, no entanto, fui para a qualificação temendo o risco de não ser aprovado.

Para minha grande surpresa, as duas arguidoras convidadas, as professoras Sonia Luyten e Dilma Melo e Silva, recomendaram que meu trabalho fosse para Doutorado Direto. Eu pensava que essa possibilidade só existisse *pró-forma* e que na prática nem existisse, mas eu já conhecia pelo menos um trabalho, o do professor Paulo Ramos, da Linguística, que tinha sido Doutorado Direto. O próprio professor Waldomiro, meu orientador, declarou que em muitos anos como orientador de pós-graduação, jamais tinha tido um caso desses. Era a primeira vez que um orientando seu de mestrado era recomendado para Doutorado Direto. Naturalmente, isso para mim foi um reconhecimento e tanto. Uma prova de confiança que as arguidoras estavam depositando na minha capacidade de desenvolver um trabalho em um patamar superior. Questionado se eu aceitava prosseguir para o Doutorado Direto ou se preferia seguir o curso normal, eu disse que me sentia imensamente honrado e que iria sim transformar minha pesquisa de mestrado em doutorado. Para isso, obviamente, precisava comprovar proficiência em um segundo idioma estrangeiro e completar os créditos equivalentes exigidos pelo doutorado.

Em dado momento, tornou-se inviável manter essa rotina e pedi demissão da agência em que estava. Continuei apenas com meu emprego na Oswaldo Cruz. A essa altura havia assumido o cargo de representante dos Cursos de Comunicação e de Design na Comissão Própria de Avaliação (CPA), órgão da instituição responsável por conduzir todo o processo de avaliação interna. Nessa função, ajudei a elaborar os questionários distribuídos aos diferentes públicos da Faculdade e no acompanhamento dos avaliadores externos quando das visitas de validação e renovação de autorização de funcionamento dos cursos. Os resultados da CPA, dos exames do ENADE e das visitas de avaliação são usados pelo MEC para atribuição da nota dos cursos e da instituição.

Nesse período, precisava complementar minha renda e procurei Franco de Rosa. Ele perguntou se eu não gostaria de escrever um livro sobre algum assunto técnico e eu propus Design Gráfico. Embora não seja designer de formação, eu tinha muito interesse pela área e lia muito material sobre o assunto.

Foi assim que escrevi o livro *Curso Completo de Design Gráfico*, que, sinceramente, tem um título desonesto, dado à minha revelia. Numa segunda edição foi modificado para *Curso Básico de Design Gráfico* e, aí sim, ficou bem mais apropriado para o conteúdo.

Foi o primeiro que escrevi comercialmente e é meu “best-seller”. Segundo pude apurar, já se encontra na oitava edição. Conheci pessoas que o adotaram como material didático, o que me deixa muito contente.

É importante ressaltar o papel do meu orientador, professor Waldomiro Vergueiro, em todas as etapas da minha pós-graduação. Ele me incentivava a participar de eventos acadêmicos, tomava a iniciativa de propor artigos em coautoria e convidava para dar aulas na disciplina de Quadrinhos e Editoração, que ele ministra no curso de Editoração, da ECA-USP.

O sinal mais significativo da confiança que ele depositava em minha capacidade foi o convite para compor a Comissão Organizadora das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. O evento, hoje em sua 7ª edição, começou a ser gestado em 2010 por ele e o professor da Universidade Federal de São Paulo Paulo Ramos. Eu me lembro que ao ser sondado para junto com eles organizar o evento, eu declinei e respondi que não podia porque ainda não era doutor e eles me responderam: “Para nós você já é.”

Iniciada de forma quase improvisada, afinal nenhum dos três tinha experiência na organização desse tipo de evento, as 1ªs Jornadas foram um sucesso. Conseguimos reunir na sessão de abertura, alguns dos pioneiros no estudo dos quadrinhos: Alvaro Moya, Moacyr Cirne, Antonio Luís Cagnin e Sonia Luyten. No começo, as Jornadas eram bienais e alternavam com as Jornadas Temáticas de Histórias em Quadrinhos, que realizamos no campus da Unifesp, em Guarulhos. A partir da quarta edição, as Jornadas passaram a ser anuais e foram se fortalecendo no decorrer dos anos até se tornarem no que é considerado o maior evento acadêmico dedicado aos quadrinhos no Brasil. As Jornadas viabilizaram a vinda de diversos pesquisadores entre os mais renomados do campo dos quadrinhos do mundo. Entre os convidados estão Trina Robbins, Ian Gordon, John Lent, Paul Gravett, Nick Sousanis, Juan Sasturain e Daniele Barbieri. O evento também possibilitou a publicação, em coedição com editoras parceiras, de livros teóricos sobre Histórias em Quadrinhos que, acredito ser uma importante contribuição para a bibliografia em português para a área. Tive a honra de participar de alguns dos títulos como coautor ou coeditor.

Em 2012, fui coautor do livro *Gibi: a revista sinônimo de quadrinhos*, em coautoria com os professores Waldomiro Vergueiro, Roberto Elísio dos Santos e Paulo Ramos.

Entre novembro de 2012 e setembro de 2014, colaborei de forma voluntária para a revista *Viração*, um projeto de educação. A publicação mensal tinha como proposta ser um veículo de informação feito por jovens e para jovens. As principais matérias eram feitas por uma rede de correspondentes de todo o Brasil, todos jovens estudantes. As únicas seções que não eram de responsabilidade dos jovens era uma sobre cinema, assinada pelo jornalista Sérgio Rizzo, e a minha, sobre quadrinhos, batizada de *Quadrim*. Durante dois anos, publiquei regularmente a página em que comentava sobre uma publicação ou um personagem de quadrinhos, criteriosamente selecionados para ser indicados como leitura para o público jovem, e explicava as razões pelas quais era legal ler, era importante ler e porque serviam para ler e refletir.

Durante cinco anos, atuei como oficina do programa *Fanzines nas Zonas de Sampa* que ofereciam cursos de histórias em quadrinhos gratuitas, nas diversas bibliotecas públicas do município, muitas das quais em bairros da periferia. Eu era responsável pela parte teórica da linguagem dos quadrinhos. Para dar suporte às minhas aulas, elaborei uma apostila que acabou dando origem ao livro *Linguagem HQ: Conceitos básicos* (2011).

A vida após o doutoramento

Em 2013, defendi minha tese e me tornei doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e nesse mesmo ano, lancei meu segundo livro solo sobre quadrinhos: *Linguagem Mangá: Conceitos básicos*.

Devido à atuação como coorganizador das Jornadas, passei a ser convidado para proferir palestras e participar de seminários e congressos sobre histórias em quadrinhos em diversos eventos de variadas instituições.

À medida que me dedicava cada vez mais ao meio acadêmico, deixava de lado a atividade de publicitário, mas continuei fazendo alguns trabalhos como freelancer para a agência na qual já tinha trabalhado.

Fui aprovado no concurso para professor temporário do CRP, da ECA USP (Centro de Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), para ministrar as disciplinas de Redação Publicitária 3 e Língua Portuguesa IV, sob contrato com duração de dois anos.

Com o intuito de dar um caráter prático aos resultados de minha pesquisa, ministrei oficinas para orientar sobre o uso das histórias em quadrinhos na aplicação da Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, para professores do ensino básico da rede municipal de São Paulo.

No início de 2016, ingressei na Universidade São Judas Tadeu para ministrar disciplinas para os cursos de Publicidade e Propaganda e Ciclo Básico do Cursos de Comunicação. Nessa instituição, pela primeira vez, exerci o magistério em período integral. Tinha aulas cinco dias por semana, à noite, e duas vezes de manhã. Em dezembro, fui desligado da São Judas.

No fim de 2018, passei no concurso para professor substituto do curso de Produção Editorial, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). O edital não era muito específico e a prova contemplou temas genéricos da comunicação. A única informação era que se tratava de disciplinas optativas, ou seja, não eram obrigatórias. Faltando um mês para o início das aulas, entrei em contato com o coordenador solicitando informações sobre as disciplinas que eu iria assumir. Precisava consultar as ementas e preparar material para as aulas. Para minha grata surpresa, fui informado que o curso estava passando por uma revisão de grade visando modernizar os conteúdos e tornar as disciplinas mais alinhadas com a realidade da comunicação atual. Dessa forma, eu teria as disciplinas de Histórias em Quadrinhos e Linguagens Digitais; Histórias em Quadrinhos e Formação de Leitores; e Evolução do Livro Ilustrado.

Em quinze anos de docência, sempre tive a intenção de lecionar sobre quadrinhos, mas nunca havia tido a oportunidade. Dava palestras eventuais em Semanas de Comunicação promovidas pelas instituições pelas quais passei, mas nunca tive uma disciplina voltada aos quadrinhos. Agora, as três que ministrava tinham como objeto as histórias em quadrinhos.

No ano de 2019, pude finalmente concretizar um sonho gestado seis anos antes, quando defendi o doutorado. Minha tese, em versão ampliada e atualizada, foi publicada pela editora Peirópolis, e lançada por ocasião das 6^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, realizadas em agosto. O livro foi incluído nos kits dos participantes do evento e, desse modo, todos os mais de 300 presentes ao congresso receberam um exemplar.

O livro deu visibilidade à pesquisa e por conta disso recebi convites para participar de palestras e mesas de debate sobre representatividade do negro nos quadrinhos e sobre racismo e preconceito. A mais recente delas, virtual, para uma unidade do SESC, tendo como parceiro de “tela”, o quadrinista Marcelo D’Saete, autor das consagradas graphic novels *Cumbe* e *Angola Janga*.

Em 2020, lancei o terceiro livro da série Aprenda & Faça: Graphic Novel conceitos básicos. Nele, diferentemente dos dois primeiros, eu não me atenho aos conceitos já consagrados em farta bibliografia, mas arrisco a elaborar algumas hipóteses e emitir juízos de valor a respeito do que são as graphic novels. Também aproveito para esmiuçar as expressões usadas em diferentes idiomas para definir histórias em quadrinhos que, na minha opinião, é a melhor denominação para essa linguagem. Nesse mesmo ano, foi lancei o livro Os três mundos de R. F. Lucchetti, biografia de um dos mais prolíficos escritores brasileiros e veterano roteirista de quadrinhos.

Há dez anos faço parte da comissão organizadora do Prêmio HQMIX. Também integro dois júris dessa premiação, considerada a mais importante dos quadrinhos o Brasil. Um dos júris elabora a lista de finalistas que vai para votação popular e que para tanto, precisa analisar e classificar todas as peças inscritas e enviadas. O segundo é o de trabalhos acadêmicos, que premia os melhores nas categorias TCC, dissertação de mestrado e tese de doutorado. Esse júri, presidido pela professora Sonia Luyten, é formado por doutores com comprovada atuação na pesquisa sobre quadrinhos.

Em 2021, fui convidado para compor o corpo de jurados da categoria histórias em quadrinhos, do Prêmio Jabuti, o mais tradicional e prestigiado da indústria livreira do Brasil.

Para concluir

Tenho sido frequentemente convidado para participar de bancas de trabalhos cujo tema são os quadrinhos. Seja de graduação, mestrado ou doutorado, eu sempre inicio minha arguição justificando que não sou especializado em nada. Domino, razoavelmente bem, conceitos da comunicação, mas apenas o elementar da linguística e um pouco de uma ou outra área. Meu maior conhecimento, os autores e a bibliografia com que me sinto mais à vontade são do campo dos quadrinhos. Não sou um acadêmico “puro-sangue”, daqueles que emendam a graduação com o mestrado e antes da defesa já se inscrevem no doutorado. Trabalhei vários anos como publicitário antes de, finalmente, iniciar minha pós-graduação. Para mim, os quadrinhos sempre foram, antes de mais nada, fonte de prazer. Mas, foram também parte fundamental da minha formação estética, social e intelectual. Nunca havia imaginado que seria também igualmente importante na minha carreira acadêmica e, menos ainda, profissional. Poder dedicar aos quadrinhos o melhor do meu esforço mental e grande parte das horas produtivas de que disponho, seja como docente, pesquisador, crítico, escritor ou leitor, é um privilégio que nem em sonho poderia cogitar. Graças aos quadrinhos, pessoas a quem sempre admirei, hoje são parceiros de atividades e projetos. Essa linguagem fascinante tem propiciado estudos em diversas áreas do conhecimento, da comunicação à biologia, da literatura às artes visuais. Poder caminhar por esse terreno tão vasto e tão rico e vislumbrar seu potencial é uma experiência que só me honra e me alegra. Acho até que o Snoopy, afinal de contas, também ficaria satisfeito.